



Soldados do 23º Btl DQBRN realizam adestramento sobre destruição e tratamento de armas de destruição em massa, durante exercício de campo, em 31 Mai 13, na República da Coreia.

O Desafio de Neutralizar as Armas de Destruição em Massa na Península Coreana

Ten Cel Scott Daulton e Ten Cel Bill Shavce, Exército dos EUA

As armas de destruição em massa (ADM) criam dificuldades para o Exército dos Estados Unidos da América (EUA) que não desaparecerão no curto prazo. É evidente que o ambiente operacional futuro incluirá uma variedade de atores estatais

e não estatais que buscarão neutralizar a influência dos EUA ou colocar suas forças, ou as de seus aliados, em risco, por meio de programas de armas de destruição em massa. Os possíveis cenários envolvendo esse tipo de armamento variam entre o relativamente benigno, em

que uma nação pede assistência dos EUA no desmantelamento do seu próprio programa, aos casos em que Estados adversários fornecem, de bom grado, armas de destruição em massa a atores não estatais e incentivam seu uso contra os interesses norte-americanos. O Exército dos EUA — especificamente, a Força convencional — deve tomar medidas para se preparar para a neutralização desse tipo de ação.

Este artigo discute a forma pela qual a 2ª Divisão de Infantaria se prepara para operações de neutralização das armas de destruição em massa na Península Coreana. Primeiro, é necessário entender os antecedentes estratégicos, que indicam a necessidade de desenvolver uma capacidade de neutralização das armas de destruição em massa na Península Coreana.

Antecedentes

A Publicação Conjunta 1-01, *Dicionário de Termos Militares e Associados do Departamento de Defesa* (JP 1-02 — *Department of Defense Dictionary of Military and Associated Terms*), [de 8 de novembro de 2010, modificada em 16 de julho de 2014], define as armas de destruição em massa como “armas químicas, biológicas, radiológicas ou nucleares capazes de ocasionar um alto grau de destruição ou mortes, excluindo os meios separáveis e divisíveis utilizados para transportar ou propelir a arma”. A neutralização das armas de destruição em massa (antigamente denominada “eliminação das armas de destruição em massa”) é descrita na *Estratégia do Departamento de Defesa para a Neutralização das Armas de Destruição em Massa de 2014* (*2014 Department of Defense Strategy for Countering Weapons of Mass Destruction*) como um termo amplo usado estrategicamente para descrever toda a gama de esforços empreendidos pelo Departamento de Defesa e Governo dos EUA para garantir que “os EUA e seus aliados e parceiros não sejam atacados nem coagidos por atores providos de armas de destruição em massa”¹. Já que “neutralização das armas de destruição em massa” é uma expressão ampla e inclusiva do recém-publicado documento estratégico, faz-se necessário definir melhor seu uso. Neste artigo, o termo é empregado, especificamente, para descrever as tarefas coletivas identificadas no Artigo 6.9.2.3 “A Condução das Operações de Eliminação das Armas de Destruição em Massa” (“Conduct Weapons of Mass Destruction Elimination Operations”) do Manual de

Campanha 7-15 — *A Lista Universal de Tarefas do Exército* (*FM 7-15, The Army Universal Task List*), como “ações empreendidas em um ambiente hostil ou incerto para localizar, caracterizar, controlar e incapacitar, sistematicamente, os programas e as capacidades relacionadas com as armas de destruição em massa”².

Antigamente, esse tipo de ação era a responsabilidade principal de Unidades especializadas com capacidades únicas, como as Forças Especiais e as Unidades técnicas de escolta atuando em locais geográficos específicos (como a Coreia). Contudo, a necessidade de que as Forças regulares do Exército dos EUA entendam e se preparem para as operações de neutralização de armas de destruição em massa hoje atravessa os componentes e os comandos combatentes unificados geográficos. É provável que essas operações envolvam a participação direta das forças regulares do Exército.

Desde 2011, os EUA e seus aliados conduziram operações desse tipo na Líbia e na Síria, ao mesmo tempo que continuaram a dissuadir o conflito com um poder nuclear emergente na Península Coreana. Em 2012, o Presidente dos EUA promulgou um decreto enfatizando a importância da neutralização das armas de destruição em massa:

A proliferação da tecnologia das armas nucleares, biológicas e químicas tem a possibilidade de potencializar as ameaças representadas por atores estatais regionais. [...] Consequentemente, o Departamento de Defesa continuará a aprimorar suas capacidades, agindo com vários parceiros nacionais e internacionais, para conduzir operações efetivas objetivando combater a proliferação das armas de destruição em massa³.

Da mesma forma, a estratégia de defesa nacional incumbe o Departamento de Defesa com o desenvolvimento dessas capacidades. A *Estratégia do Departamento de Defesa para a Neutralização das Armas de Destruição em Massa de 2014* aumenta a gama de opções de neutralização, incluindo uma abordagem do governo como um todo, tirando proveito dos facilitadores e capacidades especializadas não orgânicos do Departamento de Defesa⁴. Além disso, o *Conceito Fundamental para Operações Conjuntas: Força Conjunta 2020* (*The Capstone Concept for Joint Operations: Joint Force 2020*) prevê um ambiente operacional, em um futuro próximo, em que o governo dos EUA explora

todos os instrumentos do poder nacional para conduzir as operações globais de neutralização das armas de destruição em massa⁵. O Exército dos EUA, por sua vez, apoia a Força Conjunta ao prover uma força treinada e pronta para executar as ações, especificamente as operações de neutralização. A missão relacionada com as armas de destruição em massa deixou, claramente, de ser do domínio exclusivo das Operações Especiais do Exército, passando a ser cada vez mais relevante para toda a força regular.

Iniciativas Recentes

No nível tático, a missão de neutralização se aplica a várias sedes de Divisão e de Brigadas de Combate. Em 2010, o enfoque principal da 2ª Divisão de Infantaria, no caso de operações de combate de grande porte ou de um colapso da Coreia do Norte, passou a ser a eliminação das plataformas e programas de armas de destruição em massa naquele país. A 2ª Divisão de Infantaria conhece seu adversário e seu ambiente operacional. Contudo, essa responsabilidade se estende além das forças posicionadas permanentemente na península, incluindo as brigadas de combate preparadas para desdobrar-se e lutar com a Divisão. Por exemplo, a 82ª Divisão Aeroterrestre, na qualidade de força de resposta global, também compartilha a responsabilidade de executar as operações de neutralização; contudo, ela se diferencia da 2ª Divisão de Infantaria por ter de preparar-se para

uma gama muito mais ampla e abrangente de possíveis adversários e de ambientes operacionais.

Outras Divisões poderiam compartilhar as possíveis tarefas de neutralização de armas de destruição em massa em locais turbulentos ao redor do mundo. Por consequência, no futuro, as forças alinhadas regionalmente na costa do Oceano Pacífico, bem como as brigadas de combate que passam por rodízios no teatro de operações da Coreia, também serão obrigadas a adestrar-se para esse tipo de ação. Dada essa ampla gama de possíveis ambientes operacionais, os comandantes devem entender as tarefas táticas básicas da neutralização das armas de destruição em massa e preparar suas forças de modo condizente.

O requisito de preparar as forças para esse tipo de operação também está evidente em todas as instituições de instrução e de apoio do Exército. Quando da redação deste artigo, o Centro de Integração de Capacidades do Exército (Army Capabilities Integration Center) formulava os requisitos para tais operações e de suas capacidades associadas para o Exército 2020.

Além disso, o Centro Nacional de Adestramento e o Centro Conjunto de Adestramento de Prontidão, em coordenação com o 20º Comando de Defesa Química, Biológica, Radiológica, Nuclear e de Explosivos de Alta Potência (QBRNE, neste artigo; CBRNE, na sigla em inglês), além de outras organizações e da colaboração da 2ª Divisão de Infantaria, estão expandindo suas instalações e mudando cenários de exercícios para incorporar

as missões de neutralização das armas de destruição em massa, com um aumento progressivo de complexidade⁶.

Da mesma forma, o Centro de Excelência do Comando de Missão e o Centro de Excelência de Apoio a Manobras estão trabalhando para registrar as lições aprendidas em cada um desses rodízios de instrução e incorporá-las à doutrina.

Enquanto essas organizações continuam a desenvolver as tarefas relacionadas a esse tipo de missão, várias outras estão contribuindo para a Força com instrução, equipamento, conhecimentos especializados, simulação e modelagem avançadas e como um canal junto à comunidade



Soldados do 23º Btl DQBRN realizam um exercício de campanha com foco na exploração dos locais de armas de destruição em massa, na República da Coreia, em 31 Mai 13.

(Comunicação Social/1ª Brigada de Combate Blindada)

interagências. Entre essas organizações estão o Grupo de Combate Assimétrico, a Organização para a Eliminação dos Dispositivos Explosivos Improvisados, a Agência de Redução de Ameaças da Defesa, o Centro do Comando Estratégico dos EUA para o Combate às Armas de Destruição em Massa e a recém-ativada Sede da Força Conjunta Permanente para a Eliminação das Armas de Destruição em Massa.

Essa crescente comunidade de interessados demonstra o grande número de participantes de natureza conjunta e interagências.

Nesse ínterim, a 2ª Divisão de Infantaria, em parceria com o Exército da República da Coreia (ROK, na sigla em inglês), conduziu uma série de instruções especializadas, por um período de dois anos, com uma complexidade progressiva, que incluíram exercícios tanto de instrução real quanto virtual, aproveitando os locais de instrução disponíveis na ROK.

Começando como um exercício básico de integração de comando, controle, computadores e Inteligência, a instrução evoluiu, transformando-se em exercícios combinados entre a ROK e os EUA, incorporando forças regulares, forças de Operações Especiais, elementos especializados QBRNE e componentes de remoção de material bélico explosivo. Esse processo proporcionou várias lições e revelou uma série de lacunas nas capacidades relativas à habilidade da Divisão para executar operações de neutralização das armas de destruição em massa.

Durante uma conferência recente com a presença de estudantes da Escola de Pós-graduação Naval (Naval Postgraduate School), o Gen Bda Thomas Vandal, comandante da 2ª Divisão de Infantaria, observou: “No mínimo, a ênfase que temos dado à instrução para este tipo de missão demonstra que ainda precisamos avançar muito”⁷. As complexidades inerentes a essas missões abrangem uma gama completa de temas: de questões relacionadas às políticas adotadas que têm o potencial de afetar as operações táticas a lacunas em materiais, e à doutrina e táticas, técnicas e procedimentos em desenvolvimento.

As Dificuldades Táticas

As operações táticas de neutralização das armas de destruição em massa representam desafios singulares para as forças de manobras. Primeiro, as forças regulares incumbidas desse tipo de ação talvez não tenham, necessariamente, uma área operacional própria, mas

tenham a exigência de isolar, capturar e controlar certas instalações. Além disso, podem ter a exigência de coordenar com aliados para poderem avançar por áreas operacionais amigas, até o objetivo especificado. Nesse caso, as Unidades devem estar preparadas para executar ultrapassagens através do limite de cada Unidade aliada para atingir sua zona de ação designada. Portanto, cada fase de uma missão de neutralização talvez seja conduzida em um ambiente onde o movimento é limitado pela velocidade e pela qualidade da coordenação com o responsável pela área de operações. Além disso, as áreas operacionais, fornecidas pelas Unidades aliadas ou da coalizão, são suficientemente pequenas para limitar os efeitos que o comandante pode obter dentro delas.

A Unidade que não é a responsável pela área de operações talvez esteja executando ações de neutralização das armas de destruição em massa dentro da área operacional de outra força. Muito provavelmente, essas



ações estão ocorrendo com uma falta de sistemas de comunicações compatíveis, e com as Unidades amigas formadas, principalmente, por uma mistura de sobreviventes de ex-formações jihadistas, contra as quais os EUA gastaram mais de uma década combatendo, no Iraque e no Afeganistão. Esse é o cenário que as forças regulares norte-americanas podem enfrentar em uma variedade de lugares por todo o Oriente Médio e o Norte da África atualmente.

Em contrapartida, embora a 2ª Divisão de Infantaria vá operar em um ambiente onde já reside e treina há mais de 60 anos, o processo de coordenar movimento e operações é especialmente complexo e desafiador. Essa coordenação exige, no mínimo, cinco equipes de apoio de ligação, cada uma com um efetivo de 20 a 25 militares, incorporadas em cinco sedes diferentes de Corpo de Exército da ROK. Essas equipes não são elementos padronizados do quadro de organização e dotação,

exigindo que a Divisão as crie dentro do estado-maior. Durante as operações de combate, é provável que a Divisão reduza seu estado-maior em mais de 100 pessoas para satisfazer essas exigências de ligação.

A sede da 2ª Divisão de Infantaria é capaz de treinar rotineiramente essa coordenação por meio de um forte programa anual de exercícios, sendo dois exercícios de Teatro de Operações e um a dois exercícios de Posto de Comando, propiciando à Divisão uma capacidade de se adestrar com seus parceiros do Exército da ROK. Além disso, os escalões de pelotão até brigada se adestram rotineiramente com Unidades do Exército da ROK, promovendo ainda mais o entendimento comum necessário para a interoperabilidade. Essa estreita ligação não ocorre em operação de contingência de neutralização de armas de destruição em massa em outros teatros de operações. As Unidades devem estar preparadas para criar equipes de ligação, com o objetivo de apoiar as operações dentro da área operacional de um parceiro ou aliado ainda não designado.

A Preparação para as Operações Táticas

Uma das primeiras lições que a 2ª Divisão de Infantaria aprendeu a partir do momento em que começou a concentrar-se na neutralização das armas de destruição em massa é que essas operações não são incursões, mas sim operações de manobras deliberadas das armas combinadas e conduzidas ao longo de períodos prolongados. As Unidades do Exército dos EUA se destacam no rápido isolamento, captura e controle de terreno, mas as missões de neutralização se estendem para além do controle de um zona de ação. É quase impossível estimar o tempo necessário para conduzir a fase de exploração de um complexo de tamanho industrial de armas de destruição em massa — considerando a remoção de material bélico explosivo, forças especializadas em QBRNE e Unidades de Inteligência militar — até que a Força esteja fisicamente no objetivo e que os vários facilitadores técnicos conduzam uma avaliação inicial

Soldados do 23º e do 110º Batalhões de Defesa Química, da Base Conjunta Lewis-McChord, do Estado de Washington, participaram da Operação *Saber Strike II*, um exercício combinado entre os EUA e a República da Coreia que se concentra na descoberta, identificação e defesa das ameaças químicas, biológicas, radiológicas e nucleares, Camp Stanley, Coreia do Sul, em 09 Nov 11.

(Sgt Antwaun Parrish/Exército dos EUA)



da instalação para a exploração do local. Dependendo do tamanho do objetivo, esse processo, por si só, pode levar vários dias. Frequentemente, dependendo do que a Unidade encontrar no local, a recompensa pelo êxito pode ser uma estada prolongada, esperando pela conclusão da exploração tática e pela chegada das forças suplementares que assumirão o controle da segurança do objetivo. Isso exige paciência tática por parte dos comandantes que talvez estejam acostumados a capturar um objetivo e depois avançar para o próximo.

As forças regulares devem buscar oportunidades para se adestrarem com essas equipes especializadas e entenderem suas capacidades, limitações e exigências operacionais.

Não obstante, as operações de neutralização das armas de destruição em massa exigem instrução em QBRNE, além da simples defesa passiva, a qual consiste em treinamento realista e árduo, com utilização das devidas vestimentas e equipamentos de proteção para ambientes de ameaça química, biológica, radiológica e nuclear (segundo o sistema *mission-oriented protective posture* — MOPP*, que estipula diferentes níveis de proteção para cada tipo de missão), incorporando o fortalecimento físico e psicológico necessário para operar por períodos prolongados. Esse tipo de instrução não foi uma prioridade ao longo da última década, voltada para as operações de contrainsurgência. A função de sargento especialista em QBRN já não faz parte da maioria das companhias na linha de frente, agravando a dificuldade para recuperar as habilidades perdidas. O gerenciamento da instrução e a manutenção de equipamentos relacionados com QBRN tornaram-se atribuições adicionais e, complicando a situação, a competência em tarefas de QBRNE no

Nível de Habilidade 1 é apenas o início da preparação para as operações de neutralização das armas de destruição em massa, não o estado final. Preparar uma Unidade para que esteja apta a atirar, manobrar, comunicar-se e manter suas condições de operação enquanto utiliza vestimentas e equipamentos de proteção do “Nível 4” (ou seja, todos os componentes) é somente o mínimo necessário. As Unidades precisarão se acostumar a operar usando o conjunto completo de vestimentas e equipamentos de proteção durante períodos prolongados. Necessitarão, ainda, incorporar o fortalecimento psicológico no seu adestramento, pois os militares lidarão, possivelmente, com materiais perigosos, em ambientes hostis e desconhecidos.

Além disso, as Unidades precisam entender como integrar os facilitadores técnicos e seus equipamentos — equipes de resposta às ameaças QBRN, equipes de desativação nuclear, equipes de remoção de material bélico explosivo — durante missões de neutralização das armas de destruição em massa. Cada uma dessas equipes é um meio altamente especializado e de efetivo extremamente baixo. As forças regulares devem buscar oportunidades para se adestrarem com essas equipes especializadas e entenderem suas capacidades, limitações e exigências operacionais. A instrução garante a familiarização com essas forças, bem como o entendimento de suas exigências especiais de apoio.

As forças regulares devem ter conhecimento sobre os fundamentos do reconhecimento de alvos e da familiarização com instalações. Ensinar soldados a reconhecer um recipiente de gás hexafluoreto, a identificar e passar informações sobre os ganchos *J-hook* indicadores dos vasos de reator revestidos de vidro em uma usina química ou a saber a diferença entre vasos de reator e fermentadores em uma usina biológica é recompensado com a redução do tempo gasto no objetivo fazendo uma avaliação inicial.

Além disso, há o benefício da sobrevivência com a instrução. A maioria dos materiais em um local de produção ou armazenagem das armas de destruição em massa é sensível ou fisicamente instável, e isso exige cautela no manuseio e na implantação das medidas de controle para evitar danos colaterais, caso ocorra uma troca de fogos. A instrução para controlar os efeitos das armas no exterior e no interior de uma usina de armas químicas neurotóxicas, por exemplo, podem fazer a diferença entre o sucesso ou um fracasso catastrófico. Da

[*Para obter mais informações sobre os níveis de proteção do sistema MOPP, veja *Joint Publication 1-02 — Department of Defense Dictionary of Military and Associated Terms* — N. do T.]

mesma forma, uma porta construída à semelhança de uma caixa-forte de um banco não pode ser arrombada como se estivesse realmente dentro de um banco. Em uma usina de armas biológicas ou em uma área de armazenagem de materiais nucleares, essa porta existe para impedir a saída de materiais perigosos.

É imperativo que comandantes entendam que é necessária uma combinação de tempo, educação e instrução para se obter proficiência nas operações de neutralização das armas de destruição em massa. Quando da redação deste artigo, várias organizações por todo o Exército e demais Forças Singulares, o Departamento de Defesa, o setor de Inteligência e a comunidade Interagências buscavam, ativamente, soluções materiais e não materiais para as dificuldades relacionadas com a neutralização das armas de destruição em massa.

Ainda assim, permanece um desafio final: a sincronização entre os vários grupos interessados. Atualmente, não há uma única autoridade no governo dos EUA que seja responsável pela centralização e sincronização dos esforços para atingir os estados finais estabelecidos e, por consequência, é provável que ocorra uma duplicação de esforços.

Recomendações

Os comandantes devem preparar suas Unidades para a neutralização das armas de destruição em massa concentrando-se em uma variedade de tarefas individuais e coletivas de alta compensação. No âmbito individual, as tarefas defensivas de QBRN do Nível de Habilidade 1 relacionadas na Publicação de Instrução de Soldados STP 21-1 — *Manual do Soldado sobre Tarefas Comuns: Habilidades do Guerreiro Nível 1 (STP 21-1 — Soldier's Manual of Common Tasks: Warrior Skills Level 1)* são os requisitos mínimos para atuar com sucesso dentro, e ao redor, de um local com armas de destruição em massa⁸.

A instrução coletiva de pequenas Unidades deve incluir as seguintes tarefas táticas, constantes do FM 7-15:

- ◆ Conduzir Manobras Táticas de Tropas (Tarefa Tática do Exército 1.3), especialmente dentro da área de operações de outra Unidade ou Subunidade.
- ◆ Isolar os Locais das armas de destruição em massa (Tarefa Tática do Exército 6.9.2.3.1).
- ◆ Explorar os Locais das armas de destruição em massa (Tarefa Tática do Exército 6.9.2.3.2).
- ◆ Conduzir a Defesa de QBRN (Tarefa Tática do Exército 6.9.3).

- ◆ Conduzir Observação de QBRN (Tarefa Tática do Exército 6.9.3.2.1.2), incluindo tarefas de exposição à radiação.

- ◆ Conduzir a Descontaminação de QBRN (Tarefa Tática do Exército 6.9.3.2.3)⁹.

A instrução coletiva das grandes Unidades deve se concentrar no controle da exposição à radiação das Unidades. Idealmente, um evento de instrução coletiva de grande Unidade deve culminar em um exercício de instrução situacional sobre a neutralização das armas de destruição em massa ou um exercício de posto de comando adaptado especificamente para um teatro ou área de operações pré-designado, centrado no isolamento do objetivo e na avaliação inicial.

Por último, as Unidades devem desdobrar-se com todos os equipamentos de defesa QBRN, e, antes disso, cada soldado deve experimentar e receber uma máscara com suas medidas atuais e a devida validação.

Para superar as dificuldades associadas com a falta de sincronização dos esforços de neutralização das armas de destruição em massa, o governo dos EUA precisa estabelecer um programa holístico, que reúna o grande número de integrantes da comunidade em torno de um plano de campanha comum.

O caminho mais simples e econômico é aproveitar os processos já existentes, sendo um deles o Fórum para a Neutralização das Armas de Destruição em Massa (Counter Weapons of Mass Destruction Warfighting Forum), chefiado pelo Comandante do 8º Exército dos EUA, que se reúne a cada trimestre, com a presença de coronéis, com o objetivo de estabelecer o plano para os demais meses. Esse fórum — que consiste, atualmente, em discussão quase totalmente técnica —, ou um que seja comparável, deve ser ampliado, de modo a incluir integrantes de toda a comunidade de neutralização das armas de destruição em massa e a incorporar assuntos mais relevantes para os combatentes, em todos os escalões.

Conclusão

O Exército dos EUA enfrentará os desafios relacionados à preparação e à execução das operações de neutralização das armas de destruição em massa por muito tempo, e é provável que o envolvimento nesse tipo de operação inclua as forças regulares. Com esse objetivo, a 2ª Divisão de Infantaria tem se preparado para tais missões em estreita coordenação com seus

parceiros do Exército da ROK há alguns anos, desenvolvendo uma série de táticas, técnicas e procedimentos para se capacitar para esse tipo de operação tática. Além disso, a comunidade geral envolvida com essas ações continua trabalhando para apoiar a preparação dos soldados e das Unidades, prevendo missões desse

tipo. Não obstante, o êxito final, no caso de uma crise, dependerá da união de esforços, nos escalões operacional e estratégico, e de iniciativas como o Fórum de Neutralização das Armas de Destruição em Massa, do 8º Exército, os quais podem ajudar a sincronizar o esforço do governo como um todo. ■

O Ten Cel Scott Daulton, do Exército dos EUA, é o planejador de QBRN do Comando de Operações Especiais, no Pacífico. É bacharel pela University of Kentucky, mestre em Inteligência Estratégica pela American Military University e mestre em Artes e Ciências Militares pelo Command and General Staff College. Serviu como Oficial de Defesa Química da 2ª Divisão de Infantaria entre junho de 2013 e junho de 2014.

O Ten Cel Bill Shavce, do Exército dos EUA, é o chefe de operações futuras para o Comando de Defesa Antimíssil no Forte Bliss, no Texas. É bacharel em Engenharia de Computação pela Academia Militar dos EUA, mestre em Estudos do Espaço pela American Military University, e mestre em Artes e Ciências Militares pelo Command and General Staff College. Sua designação mais recente foi como Subchefe da 3ª seção da 2ª Divisão de Infantaria.

Referências

1. Department of Defense, *Department of Defense Strategy for Countering Weapons of Mass Destruction* (Washington, DC: Department of Defense, June 2014), http://www.defense.gov/pubs/DoD_Strategy_for_Countering_Weapons_of_Mass_Destruction_dated_June_2014.pdf.

2. Field Manual (FM) 7-15, *The Army Universal Task List*, (- Washington, DC: U.S. Government Printing Office [GPO], 29 June 2012). Observe que o FM 7-15 cita o FM 3-11, *Multi-Service Doctrine for Chemical, Biological, Radiological, and Nuclear Operations* (Washington, DC: U.S. GPO, July 2011).

3. Office of the Secretary of Defense, *Sustaining U.S. Global Leadership: Priorities for 21st Century Defense*, January 2012: p. 3, http://www.defense.gov/news/defense_strategic_guidance.pdf.

4. *DOD Strategy to Counter Weapons of Mass Destruction*, p. v.

5. Chairman of the Joint Chiefs of Staff, *Capstone Concept for Joint Operations: Joint Force 2020*, 10 September 2012, http://www.dtic.mil/doctrine/concepts/ccjo_jointforce2020.pdf.

6. Um rodízio do Centro Conjunto de Adestramento de Prontidão, em outubro de 2013, continha uma missão de neutralização das armas de destruição em massa voltada a instalações de pequena escala. O rodízio recém-concluído, 14-03 do Centro Nacional de Adestramento, ampliou essa instrução, passando a incluir várias instalações de QBRNE e eventos de remoção de material bélico explosivo. Além disso, criou uma nova equipe de Observação/Controle, Equipe *Desert Fox*, especificamente para a Força-Tarefa de Defesa QBRN, composta de elementos de manobra e facilitadores técnicos da defesa QBRN e da remoção de material bélico explosivo. O rodízio 14-08 do Centro Nacional

de Adestramento ampliou ainda mais essa instrução, incluindo operações de neutralização das armas de destruição em massa em instalações de porte industrial e incluindo forças técnicas e de manobras do Exército da República da Coreia.

7. Teleconferência de vídeo com o Gen Bda Vandal durante o CWMD Seminar da Naval Post-Graduate School, 17 jan. 2014.

8. STP 21-1, *Soldier's Manual of Common Tasks: Warrior Skills Level 1* (Washington, DC: U.S. Government Printing Office [GPO], April 2014). As 11 tarefas de Defesa QBRN são Manter sua Máscara de Proteção Designada, Proteger a si mesmo contra a Contaminação Química e Biológica Usando sua Máscara de Proteção Designada, Reagir Contra um Perigo/Ataque Químico ou Biológico, Proteger si mesmo contra Lesão/Contaminação das QBRN com o Aparato de Proteção Química da JLIST (Joint Service Lightweight Integrated Suit Technology), Marcar as Áreas Contaminadas pelas QBRN, Descontaminar a si mesmo e seu Equipamento Individual Usando Kits de Descontaminação Química, Detectar Agentes Químicos Usando os Kits de Papel de Detecção M8/M9, Responder ao Urânio Empobrecido, Reagir contra um Perigo/Ataque Nuclear, Proteger a si mesmo contra Danos/Contaminação das QBRN ao Trocar as Vestimentas e Equipamentos de Proteção MOPP Usando o Conjunto de Proteção Química da JLIST e Prestar Primeiros Socorros para Lesões Provocadas por Agentes Neurotóxicos.

9. Veja o FM 7-15. A tarefa coletiva de pequenas Unidades, "Conduzir a Descontaminação das QBRN", refere-se, especificamente, a "Conduzir a Descontaminação Operacional Usando o Equipamento da Tabela de Modificações de Organização e Equipamento da Unidade".